

Uma Aventura à caça do Tesouro do Arco-Íris

Depois de um ano exaustivo de trabalho, em que quase não houve tempo para respirar, chegaram as férias de verão! Este ano, fui para um hotel à beira-mar, para passar grande parte do verão. Fiquei num bom quarto, com vista para o mar, mas quando chegava o pôr-do-Sol é que a vista era maravilhosa! O céu laranja e cor-de-rosa refletia-se no mar, juntando-se aquela espuma branca, mais branca do que a neve, a areia quase da mesma cor que a espuma e um bando de gaivotas, voavam de um lado para o outro como se, tal como eu, estivessem a apreciar aquela vista e não se cansassem de olhar.

Anoiteceu e aquela maravilhosa vista acabou, sendo assim, fui-me deitar, pois amanhã teria de me levantar cedo.

No dia a seguir, logo pela manhã, já eu me tinha levantado e corria por aquela areia branca, molhando os pés na encantadora espuma do mar, quando a praia estava deserta, pois era tão cedo que ainda ninguém se tinha levantado. Cansada de não ter dormido o suficiente, estendi a minha toalha naquela areia macia e deixei-me dormir. Quando acordei, vi que a uns metros de distância de mim, estavam umas pessoas a fazer fila, à espera de que chegasse a sua vez de entrar nos balões de ar quente que estavam a alugar. Eu, ao ver aquilo, fiquei bastante entusiasmada. Peguei em todo o dinheiro que tinha levado comigo e meti-me na fila para poder andar.

Como ainda havia uma fila grande, tive de esperar algum tempo pela minha vez, o que demorou mais do que o eu estava à espera.

Finalmente chegou a minha vez. É claro que teve de ir lá uma pessoa comigo para acender a chama do balão e assegurar que o balão não caía ou que não se dirigia para onde não queríamos ir. O balão começou a subir e subir cada vez mais e começou-se a avistar um arco-íris, o que eu achei estranho, pois nem sequer tinha chovido. Mais estranho ainda era o facto de que nós estávamos a ir exatamente na sua direção, pois era nessa mesma direção que o vento soprava.

Tínhamos chegado a uns rochedos e o balão começa a cair lentamente, e quanto mais cai mais eu vejo o fim ou o princípio do arco-íris.

Sempre ouvi dizer que no fim do arco-íris havia um tesouro e que nunca ninguém o conseguira descobrir, mas eu pensava que isso eram só histórias e não acreditava, pois sabia perfeitamente que para haver um tesouro num lugar qualquer, alguém teria de lá o

pôr. Mas agora que estava tão perto do fim do arco-íris, todas as ideias possíveis ou impossíveis me vinham à cabeça.

Foi então que pousámos. Havia dois enormes rochedos e um pequeno espaço entre eles. Se descesse... bem, na verdade não podia descer. Aquilo parecia ter uma parede de cada lado e era impossível de descer ou, se estivéssemos lá em baixo, trepar até chegar ao topo, pois as duas “paredes” por onde poderíamos trepar eram tão íngremes como... bem... uma parede.

Mas o que é certo é que o arco-íris acabava mesmo no meio dessas enormes rochas.

- A viagem chegou ao fim – anunciou a pessoa que tinha vindo comigo no balão de ar quente. Descemo-nos do balão e eu, curiosa como sempre fui, tive de ir ver o que realmente havia no fim do arco-íris. Deitei-me sobre aquelas rochas, estendi a cabeça para o buraco que havia entre elas e pude ver exatamente o fim do arco-íris. Reparei também que havia lá um objeto, mas não sabia o que era.

Eu, ardendo de curiosidade, não resisti e tive de ir ver o que realmente o que lá estava. Antes de descer, vi que na parede de rocha haviam umas pequenas pedras, onde eu me poderia agarrar para descer seguramente. Assim fiz.

- Eh! – exclamou a pessoa que tivera vindo comigo no balão de ar quente – Mas que raio estás tu a fazer?

- Não é todos os dias que se vê o fim do arco-íris, pois não? – respondi eu – É o que estou a fazer.

O indivíduo, sem palavras, pois nunca antes tivera visto uma coisa assim, e reparando agora que eu estava a ir na direção do fim do arco-íris, aproximou-se ele também. Quando chegou às rochas, já eu as tinha descido. O problema é que, ao descer, algumas das pequenas pedras que eu havia usado para escalar se tinham partido. Muito difícil seria ele descer ou eu voltar a subir. Não pensando sequer nisso, tal era o entusiasmo, ia-me aproximando cada vez mais do arco-íris. E qual não foi o meu espanto ao perceber que, meio escondido por ente os raios do arco-íris, estava um baú vermelho e dourado com um enorme cadeado e correntes envolvendo-o!

Peguei no baú, ou melhor, tentei arrastá-lo para um sítio onde eu o pudesse ver bem, mas com muito esforço, pois parecia ser tanto ou mais pesado que eu.

Agora que reparava que não havia maneira alguma de subir outra vez, ainda por cima com um baú pesadíssimo, deixei-me ficar quieta a pensar numa solução.

- Espera, vou buscar ajuda – disse a pessoa que havia vindo comigo no balão.

Desapareceu durante um bocado e quando voltou vinha rodeado de homens e com uma corda na mão. Amarrou-a a uma árvore que estava ali perto e atirou a outra ponta para junto de mim.

- Prende-a ao baú com força, para não cair. Nós vamos puxá-lo para cima e a seguir fazemos o mesmo contigo. Eu obedeci. Eram quatro homens a puxar-me a mim e ao baú com tanta força quanto a que tinham. Passado pouco tempo, estava lá em cima.

- E agora como havemos de conseguir abrir o baú? Está trancado com um cadeado e uma corrente e nós não temos a chave.

Antes de alguém poder responder, uma enorme onda veio até nós, o que fez com que ficássemos todos encharcados. Mas quando tirámos aquela água salgada dos olhos o que vimos nós? Ao que parece, a força dos mares tinha-nos trazido e deixado no chão, aos nossos pés, a chave do enorme e misterioso baú!

Ficámos todos tão espantados com tal coisa que nem conseguimos dizer nada. Eu limitei-me a enfiar a chave no cadeado. E não é que consegui abrir o baú?!

Sorrindo como nunca antes havia sorrido, levantei a tampa e surgiu de lá de dentro uma luz tão forte como eu nunca antes vi, o que nos encandeou a todos e me impediu de olhar.

De repente acordei. Levantei-me e reparei que estava na mesma praia, sentada na mesma toalha, por cima da mesma areia branca e macia, com o mesmo mar encantador e exatamente no mesmo lugar onde me tinha deixado dormir.

Tudo aquilo não passou de um sonho.

Mas o mais estranho é que, quando olhei para o lado, lá estavam os balões de ar quente!

Eu, sem acreditar minimamente no que os meus olhos estavam a ver, e sem conseguir perceber se aquilo era um sonho ou se estava realmente a acontecer, não pensei duas vezes. Peguei em todo o dinheiro que tinha comigo e lá fui eu a correr para a fila dos balões de ar quente.

Afinal, por mais que tivesse sido cansativa e por mais emoções que pudesse causar, quem não gostaria de passar por uma aventura destas outra vez?